

O CONCEITO DE FELICIDADE EM FREUD

JAQUELINE FELTRIN INADA*

RESUMO: Em *O mal-estar na cultura*, Freud dedica um espaço privilegiado de reflexão para o tema da felicidade. Para o autor, a felicidade, tal como é comumente concebida pelos homens, significa obtenção de prazer. Por ser determinada pelo programa do princípio de prazer, passa a denotar, além de obtenção de prazer, evitação de desprazer. Mas esse princípio visa, sobretudo, evacuar toda a excitação presente no aparelho psíquico, o que conduz a afirmativa de que o aparelho psíquico não está voltado para produzir um estado prazeroso. Assim sendo, *O mal-estar na cultura* anuncia uma contradição entre aquilo que constitui o propósito dos homens em suas vidas, ou seja, a felicidade no sentido de obter prazer, e a possibilidade real dela ser alcançada, uma vez que toda a constituição psíquica está voltada para atingir o estado zero de tensão. O conceito de felicidade pode, neste sentido, ser entendido como um estado sem excitação, visto que é determinado pelo princípio de prazer.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade. Princípio de prazer. Freud. Constituição psíquica.

RÉSUMÉ: Dans *Le malaise dans la culture*, Freud dédie un espace privilégié de réflexion pour le thème du bonheur. Pour l'auteur, le bonheur, tel que c'est comumente conçue par les hommes, signifie obtention de plaisir. Par être déterminé par le programme de le début plaisir, il commence à dénoter, outre obtention de plaisir, de prévention de mécontent. Mais ce début vise, surtout, à évacuer toute l'excitation présente dans l'appareil psychique, ce qui conduit à affirmation dont l'appareil psychique n'est pas tourné pour produire un état agréable. Ainsi en étant, *Le malaise dans la culture* il annonce une contradiction entre ce qui il constitue l'intention des hommes dans leurs vies, c'est-à-dire, le bonheur dans le but d'obtenir plaisir, et la possibilité réelle d'elle d'être atteinte, vu que toute la constitution psychique est tournée pour atteindre l'état zéro de tension. Le concept de bonheur peut, dans ce sens, être considéré comme un état sans excitation, vu que c'est déterminé par le début plaisir.

MOTS-CLÉS: Bonheur. Principe de plaisir. Freud. Constitution psychique.

Introdução

As reflexões de Freud sobre o tema da felicidade são desenvolvidas, principalmente, em sua obra mais prestigiosa: *O mal-estar na cultura* (1930)¹. Além do conceito de felicidade, Freud trata também do sentimento de culpa, da civilização, entre outros temas². Conforme Peter Gay, nenhuma das idéias expostas é nova, uma

* Mestranda em Filosofia - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Orientador: Robespierre de Oliveira. Email: jaqfeltrin@hotmail.com.

¹ Os primeiros títulos pensados por Freud foram: A felicidade e a cultura – *Das Glück und die Kultur* - e, posteriormente, A infelicidade na cultura - *Das Unglück in der Kultur*. Por fim, acabou optando por O mal-estar na cultura - *Das Unbehagen in der Kultur*. FREUD, Sigmund. *Le malaise dans la culture*. Trad. Pierre Cotet; René Lainé; Johanna Stute-Cadiot. Paris: Quadrige, 1995, p. 2.

² FREUD, S.; SALOMÉ, Lou Andreas. *Freud / Lou Andreas-Salomé*. Correspondência completa. Coleção Psicologia Psicanalítica. Trad: Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.236-237.

vez que já haviam sido expostas em “Cartas a Fliess” (no início dos anos 1890), “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908) e “Futuro de uma ilusão”³ (1927). Todavia, Freud “[...] nunca as analisara antes com tanta concentração como agora, nunca extraíra tão impiedosamente as implicações de seu pensamento”⁴. Lacan, nos seminários de 1959-1960, afirma que considera *O mal-estar na cultura* um livro essencial, no qual Freud sintetiza sua experiência e analisa a questão da tragédia humana⁵. Nesta análise, a atenção de Freud parece estar voltada para os fenômenos culturais e sociológicos. A tese central é a idéia segundo a qual a vida social exige a repressão das pulsões, o que resulta em infelicidade. Aos olhos de Freud, “Se a cultura impõe sacrifícios tão grandes, não somente à sexualidade, mas também à inclinação do homem à agressividade, nós compreendemos melhor que seja difícil ao homem se sentir feliz”⁶. Entretanto, é preciso considerar também outro fator não menos importante: a constituição psíquica. Independentemente das circunstâncias externas, ela desempenha um papel decisivo em relação não só à possibilidade do homem ser feliz, como também em relação à própria definição de felicidade.

Este artigo visa analisar o conceito de felicidade especificamente a partir do ponto de vista do funcionamento do aparelho psíquico, sem recorrer, neste momento, às importantes questões relativas à cultura.

Felicidade e constituição psíquica

³ Segundo Roudinesco e Plon, Freud assinala a continuidade entre *O futuro de uma ilusão* e *O Mal-estar na cultura* iniciando este último com uma crítica aos comentários que seu amigo Romain Rolland fez acerca de *O futuro de uma ilusão*. Trata-se, de modo geral, da origem do sentimento religioso, qualificado por Rolland como sentimento oceânico e entendido por Freud como a repetição do sentimento de plenitude experimentado pelo bebê no início da vida, antes da separação psicológica da mãe, ou seja, o narcisismo. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *O mal-estar na cultura*. In: *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 490.

⁴ GAY, Peter. *Civilização: o transe humano*. In: *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 493.

⁵ ROUDINESCO; PLON, op. Cit., p. 490.

⁶ “Si la culture impose d’aussi grands sacrifices, non seulement à la sexualité mais aussi au penchant de l’homme à l’agression, nous comprenons mieux qu’il soit difficile à l’homme de s’y trouver heureux”. FREUD, op. Cit., p. 56.

Em *O mal-estar na cultura*, Freud questiona: o que os homens desejam na vida? Sem dúvida, afirma ser a felicidade. Dois aspectos são ressaltados deste objetivo: um positivo e outro negativo. Trata-se, por um lado, da obtenção de prazeres intensos e, por outro, da ausência de sofrimento, respectivamente. Não obstante, o sentido comum do termo felicidade se refere estritamente ao primeiro aspecto, ou seja, à obtenção de prazeres intensos. Freud afirma: “O que se chama felicidade no sentido mais estrito resulta da satisfação bastante súbita de necessidades fortemente postas em êxtase e, por sua natureza, é possível somente como um fenômeno episódico”⁷. Semelhante concepção também é encontrada em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908). Neste texto, a felicidade, tal como os homens comumente a concebem, é vinculada à corrente hedonista e tomada como um dos objetivos no desenvolvimento da cultura. Freud usa este conceito para questionar se os sacrifícios impostos pela vida civilizada valem a pena. Nas palavras do autor: “[...] é justo que indaguemos se a nossa moral sexual ‘civilizada’ vale o sacrifício que nos impõe, já que estamos tão escravizados ao hedonismo a ponto de incluir entre os objetivos de nosso desenvolvimento cultural uma certa dose de satisfação da felicidade individual”⁸.

Todavia, é preciso considerar que a concepção de felicidade contém dois aspectos, na medida em que está em conformidade com o princípio de prazer. Sendo assim, o conceito de felicidade que emerge da teoria freudiana é, ao mesmo tempo, *obtenção de prazer e evitação de desprazer*. Esta conceituação, a princípio, parece-nos um pouco estranha, posto que estamos acostumados a conceber a felicidade como prazer. Neste ponto, as conjeturas de Freud presentes em “Além do princípio de

⁷ “Ce qu’on appelle bonheur au sens le plus strict découle de la satisfaction plutôt subite de besoins fortement mis en stase et, d’après sa nature, n’est possible que comme phénomène épisodique” (18). Ibid., p. 18.

⁸ FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 9, p. 208.

prazer” (1920) podem ser úteis. Para Freud, todo aparelho psíquico⁹ tende à redução total de excitação, a um grau de tensão igual a zero. Freud chama esta tendência de princípio de inércia (ou de nirvana). Mas todo o organismo possui uma fonte de excitação interna e outra externa. Devido à fonte de excitação externa, o princípio de inércia precisa ser adaptado para que possa apaziguar a tensão por meio de alguma ação, a qual não poderia realizar caso o organismo estivesse em um estado zero de excitação. Assim, precisa manter um nível constante de tensão; a maior possível para seja possível um desempenho eficiente do aparelho psíquico. Tal princípio é denominado de princípio de constância¹⁰. Para Freud, é dele que o princípio de prazer deriva.

O princípio de prazer constitui um dos princípios que regulam o aparelho mental, o qual domina o aparelho psíquico desde o início da vida. Seu objetivo é evitar desprazer e obter prazer¹¹. É por isso que Freud, inicialmente, usou a denominação princípio de prazer-desprazer. Mas o que é prazer e desprazer? Na acepção freudiana, prazer e desprazer, abordados sob uma perspectiva econômica¹², estão ligados à quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. Esta excitação se refere a uma energia livre, a qual precede o estado de energia ligada. Estes dois tipos de escoamento da energia exprimem a distinção entre processo primário e processo secundário. No primeiro caso, a energia livre, que não está aprisionada a alguma representação, escoar para a descarga de forma direta e rápida.

⁹ Monzani explica que a noção de aparelho psíquico está relacionada a algo complexo, formado por partes, ou melhor, por subsistemas, os quais, unidos, constituem um sistema. Na psicanálise, este sistema é exposto na primeira tópica com a concepção topográfica de aparelho (consciente, pré-consciente e inconsciente) e na segunda tópica com a concepção estrutural (id, ego e superego). Em ambas, há um conjunto de condições para que funcione: leis, regras, princípios, entre outros. MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005, p. 160.

¹⁰ *Ibid.*, p. 160-161.

¹¹ FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911-1915)*. Trad. Luiz Alberto Hanns (org.). Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 63-77.

¹² Trata-se de uma perspectiva que “Qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, susceptível de aumento, de diminuição, de equivalências”. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B.. Eros. In: *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 7ª ed. Lisboa: Martins Fontes, 1983, p. 167.

Já no segundo caso, a energia ligada (a alguma representação) é descarregada de forma mais controlada ou retardada¹³. Freud entende então que o desprazer está relacionado a um aumento de excitação e o prazer a uma redução da mesma.

[...] relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa [energia que flui livremente, que não está aprisionada a uma representação] – de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade¹⁴.

Quando uma tensão é acumulada no organismo, diversos processos psíquicos são ativados, tomando determinado curso, o qual tem por fim sua diminuição, ou evitando o desprazer ou proporcionando prazer. Entretanto, parece haver no organismo uma grande defasagem entre produção de excitação (que é maior) e possibilidade de escoá-la. Freud aborda este tema em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”. Neste texto, a referência é estritamente às pulsões sexuais.

O conceito de pulsão (*Trieb*) tem origem na noção de excitação interna, ou seja, oriunda do organismo e da qual ele não pode escapar¹⁵. Tal conceito, introduzido na psicanálise a partir de “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), adquire uma elaboração mais clara em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915). De modo geral, trata-se da representação psíquica de forças que emergem do organismo. Nas palavras de Freud:

Se abordarmos [...] a vida psíquica do ponto de vista biológico, a ‘pulsão’ nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência

¹³ Ibid., p. 200-203.

¹⁴ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 135-136.

¹⁵ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. op. Cit., p. 507.

de trabalho imposta ao psíquico em conseqüência de sua relação com o corpo¹⁶.

Ao conceito de pulsão, Freud conecta alguns termos: pressão, meta, objeto e fonte. A pressão de uma pulsão constitui seu aspecto motor, ou seja, a força a partir da qual o que é orgânico se torna representação psíquica. A meta é sempre a satisfação, embora as vias para atingi-la sejam diversas. Para alcançar tal meta, a pulsão precisa de um objeto. Neste sentido, objeto é o meio a partir do qual a pulsão atinge a satisfação e o elemento mais variável da pulsão. Por sua vez, fonte é o processo somático a partir do qual um estímulo proveniente de alguma parte do corpo é transformado em pulsão, na medida em que atinge o aparelho psíquico.

Em “Além do princípio de prazer”, as pulsões estão divididas em dois grandes grupos: as pulsões do Eu ou de autoconservação e as pulsões sexuais. Esta divisão corresponde a primeira tópica freudiana¹⁷. Neste mesmo texto, Freud substitui esta dicotomia por Eros e pulsão de morte. Embora a primeira distinção seja muito útil na análise das psiconeuroses, Freud constata que precisa ampliar o conceito de sexualidade e, conseqüentemente, o de pulsão sexual. Isto porque, tais conceitos ultrapassam os limites da função de reprodução. Ao se aproximar do Eu psicológico, Freud observa que assiduamente a libido é retirada do objeto e dirigida ao próprio Eu. Conclui, também a partir de estudos acerca das primeiras fases do desenvolvimento libidinal, que a libido é reservada no Eu. Passa, pois, a chamá-la de libido narcísica. Assim, reconhece que parte das pulsões do Eu é de natureza libidinal e que também há pulsões sexuais agindo no interior do Eu. Por esse motivo, considera a distinção entre pulsões do Eu e pulsões sexuais como insatisfatória. Ao revisar sua primeira teoria pulsional, Freud constata que “É preciso identificar a pulsão sexual com Eros – que tudo preserva – e concluir que a libido narcísica do Eu

¹⁶ FREUD, Sigmund. Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 148.

¹⁷ Laplanche e Pontalis afirmam que existem duas teorias freudianas, as quais se distinguem em função da diferenciação do aparelho psíquico em um determinado número de sistemas. Enquanto a distinção central na primeira teoria é feita entre consciente, pré-consciente e inconsciente; na segunda, emprega-se id, ego e superego. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. op. Cit., p. 656-662.

nasce dos estoques de libido utilizados pelas células somáticas para aderirem umas às outras”¹⁸.

“Para além do princípio de prazer” constitui uma apresentação da nova dicotomia entre Eros e as pulsões de morte. Esta dicotomia somente é elaborada plenamente em “O ego e o id” (1923). Com este texto, Freud introduz a segunda tópica¹⁹. Nele, a diferenciação entre consciente, pré-consciente e inconsciente é substituída por ego, id e superego. Para Freud, tanto o ego quanto o id estão sujeitos à influência das pulsões. As pulsões estão aqui divididas em duas classes: Eros e as pulsões de morte. Eros abrange tanto as pulsões sexuais quanto àquelas de autoconservação. Segundo o autor, “[...] por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la”²⁰. A segunda classe pulsional, ou seja, as pulsões de morte, se manifestam a partir da agressividade e visam, sobretudo, conduzir o organismo ao estado zero de tensão. Assim sendo, Eros mantém a vida ao provocar a introdução de novas tensões no organismo sob a forma de necessidades pulsionais e é eliminado a partir do processo de satisfação, cedendo espaço para o domínio das pulsões de morte²¹. Freud afirma que

¹⁸ FREUD, Além do princípio de prazer, op. Cit., p. 173.

¹⁹ Para Monzani, Freud elaborou a segunda tópica para dar conta de alguns problemas presentes na primeira. Estes problemas são conhecidos desde 1910-1912, assim como suas soluções. Por volta de 1916, a segunda tópica já estava praticamente pronta. A partir daí, questiona-se: por que Freud mantém a primeira tópica por tanto tempo, até 1923? Monzani afirma que, certamente, era porque Freud via problemas em abandoná-la. A hipótese do autor é que Freud mantém a primeira tópica, mesmo com a segunda pronta, porque a abandono da primeira poderia significar o abandono daquilo que pode ser considerado a descoberta fundamental da psicanálise: o inconsciente. Descoberta esta sobre a qual todo o edifício teórico da psicanálise é construído. Neste sentido, tomar a teoria estrutural presente na segunda tópica isoladamente pode conduzir a erros. Ela pode ser entendida como um aprofundamento da primeira; uma tentativa de solução de seus problemas. Mais do que isso: os textos posteriores a 1923 podem ser entendidos como uma tentativa de unir a primeira e a segunda tópica, principalmente Esboço de Psicanálise (1938). MONZANI, Luiz Roberto. As tópicas freudianas. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005, p. 145-157.

²⁰ FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19, p. 55-56.

²¹ Importa esclarecer que ambos, Eros e a pulsão de morte, não agem isoladamente, uma vez que mantêm uma relação simbiótica. O exemplo mais claro desta associação pode ser constatado no

[...] um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como o expressa o princípio de prazer, o anseio por reproduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos²².

E mais adiante: “[...] o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre da excitação, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível”²³. Esta tendência, que Monzani chama de mortuária, leva este autor a afirmar que “[...] Freud não tem uma concepção positiva do prazer, mas, no limite, uma totalmente negativa”²⁴. Isto faz com que o homem não busque o prazer, mas sim a eliminação do desprazer. A eliminação do desprazer, certamente, causa um estado de bem estar. Todavia, para Freud, o funcionamento do aparelho psíquico não está voltado para atingir este estado, mas sim para atingir a inexcitabilidade.

Assim sendo, diz Monzani:

[...] existe em Freud, de fato, uma contradição muito marcante, claramente anunciada em ‘O mal-estar na cultura’, entre a aspiração subjetiva dos homens à felicidade – felicidade entendida como um estado constante de prazer – já que esse é o móvel subjetivo de todas suas ações, e aquilo que acontece de fato, pois o prazer, diz Freud, só irrompe ‘de forma instantânea’, em função de ‘necessidades represadas’²⁵.

Pelo limite que nossa própria constituição psíquica impõe ao alcance da felicidade é que Freud afirma: “[...] a intenção que o homem seja ‘feliz’ não está

sadismo e no masoquismo: trata-se da manifestação da pulsão destrutiva (em direção ao exterior e ao interior, respectivamente) associada fortemente ao erotismo.

²² FREUD, Além do princípio de prazer, op. Cit., p. 176.

²³ Ibid., p. 180.

²⁴ Monzani esclarece o que entende por concepção positiva e concepção negativa de prazer. “Como positiva, denomino aquela que valoriza o prazer como signo de vitalidade, de vida, de realização, de acabamento do ser enquanto tal. Como negativa, aquela que tem as características opostas”. MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: *Freud na filosofia brasileira*. FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen (org.). São Paulo: Escuta, 2005, p. 164.

²⁵ MONZANI, op. Cit., p. 165.

contida no plano da ‘criação’²⁶. Os homens, na medida em que buscam a felicidade entendida da forma positiva, não entendem que estão à procura de algo impossível, pelo fato de toda a estruturação do aparelho psíquico estar voltada para atingir um outro fim.

Se a felicidade, tal como é concebida comumente pelos homens, significa a vivência de prazer, uma questão é imposta: qual é a concepção que Freud tem de felicidade? Em conformidade com o que acabamos de expor neste artigo, é possível que ele a entenda de um modo negativo, como um estado de *inexcitabilidade*, na medida em que o programa da felicidade é determinado pelo princípio de prazer, que nada mais é do que a evacuação de energia do organismo. Assim, a felicidade, em Freud, é uma meta inatingível na *vida* do homem devido não só aos limites impostos pela cultura (os quais não discutimos neste artigo), mas, sobretudo, por àqueles estabelecidos por nossa própria constituição psíquica.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 9, p. 187-208.

_____. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911-1915)*. Trad. Luiz Alberto Hanns (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 63-77.

_____. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. Trad. Luiz Alberto Hanns (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 148.

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920)*. Trad. Luiz Alberto Hanns (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 135-136.

_____. O ego e o id (1923). In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19, p. 55-56.

²⁶ “[...] le dessein que l’homme soit ‘heureux’ n’est pas contenu dans le plan de la ‘création’”. FREUD, *Le malaise dans la culture*, p. 18.

_____. *Le malaise dans la culture* (1930). Trad. Pierre Cotet; René Lainé; Johanna Stute-Cadiot. Paris: Quadrige, 1995.

_____.; SALOMÉ, Lou Andreas. *Freud / Lou Andreas-Salomé*. Correspondência completa. Coleção Psicologia Psicanalítica. Trad: Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GAY, Peter. Civilização: o transe humano. In: *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 492-501.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B.. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Martins Fontes, 1983.

MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen. (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005, p. 159-167.

MONZANI, Luiz Roberto. As tópicas freudianas. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen (Org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005, p. 145-157.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. O mal-estar na cultura. In: *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 490-492.